



Estadão & Cia. Ltda.: as mentiras continuam

11/04/2021 - Em [Artigos](#)

Blog da Reitoria nº 482 de 12 de abril de 2021

Por Prof. Paulo Cardim

**“Ensinar exige rigorosidade metódica” (Paulo Freire)
“Avaliar também” (Paulo Cardim)**

A orquestração da grande mídia em torno do ministro da Educação, Milton Ribeiro, continua firme, liderada pelo Estadão e recepcionada pelo “consórcio do ódio”: O Globo, a Folha-UOL e alguns blogueiros.

O Estadão continua identificando o ministro como “pastor” em vez de “doutor em Educação”. A “orquestra” está meio desafinada, mas ainda tem público, as viúvas de Paulo Freire, saudosos dos tempos de governos que financiavam programas de alfabetização para a militância, sem qualquer perfil educacional, cultural e cristão.

Na semana finda, encontramos, entre os “maestros”, Mozart Neves Ramos, doutor em Química, colunista do Correio Braziliense (Brasília-DF), ex-diretor da Andifes (sindicato das universidades federais), ex-reitor da Universidade Federal de Pernambuco, entre outros títulos, repetindo os artigos comentados neste espaço, sob o instigante título A biruta da educação – Projeto de Lei nº 3.477/2020, que buscava garantir acesso à internet, com fins educacionais, a estudantes e professores da Educação Básica pública; artigos de Renata Cafardo, Cláudia Costin (“desconstruindo o Inep”); homeschooling; “desmonte do sistema educacional”.

Depois de transcrever longamente partes de artigos aqui comentados nas postagens anteriores, Ramos conclui heroicamente: “Tudo isso é extremamente desalentador, e só vem aumentar a enorme tristeza de ver todos os dias milhares de brasileiros morrendo pela covid. Apesar de meus ideais continuarem vivos, há momentos em que a tristeza bate forte, como agora. Vamos trabalhar para colocar a biruta da educação na direção certa — a de prover educação de qualidade para todas as crianças e jovens deste país. Fiz disso o meu ideal, e não vou abrir mão dele nesta etapa da minha vida”.

Se o doutor em Química Mozart Neves Ramos pretende fazer a “biruta da educação” funcionar na direção certa, a fim de prover uma educação básica pública

de qualidade, deve começar pelos prefeitos das 5.570 prefeituras e pelas 27 unidades federadas.

Vou refrescar a memória do professor Mozart. Relembro que a educação básica pública é da competência de estados e municípios, segundo a Constituição, como determina o art. 30, inciso VI (“Compete aos Municípios: VI – manter, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, programas de educação infantil e de ensino fundamental;”); art. 211, § 2º (“ Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.”); § 3º: (“Os Estados e o Distrito Federal atuarão prioritariamente no ensino fundamental e médio.”).

E o art. 206 dá a receita para uma educação de qualidade elevada: “- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” e “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino”.

Aos fatos.

O Inep não está sendo “desmontado”. Está sendo enquadrado na estrutura organizacional do MEC.

“O desmonte do sistema educacional” é, na realidade, uma desmontagem do aparelhamento lulopetistas da administração pública federal.

Uma “perspectiva conservadora cristã” às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que determinam o que as escolas devem ensinar, é motivo de críticas pelos contaminados com o vírus comunista, exportado largamente pela China. Não se trata do coronavírus; este o tratamento precoce e a vacina vão controlar no tempo certo. Mas do vírus ideológico. A vacina para esse vírus é uma educação pluralista, democrática, de qualidade.

É como afirmei no blog da semana passada: “Os comunistas e seus aliados “inocentes” úteis fogem do Cristianismo como o diabo da cruz. O enfoque da BNCC foi apenas uma brecha para O Estadão destilar seu ódio contra o Cristianismo. Nada está sendo feito para “desmontar” a BNCC ou a educação. É para desmontar o aparelhamento do MEC”.

Os autores das críticas ao ministro Milton Ribeiro e, por tabela, ao Presidente da República, “esquecem” propositadamente dos 22 anos de “ideologização do ensino” obscurantista dos governos FHC, Lula e Dilma.

O “consórcio do ódio” – Globo, Estadão, Folha-UOL –, genuinamente capitalista, goza de ampla liberdade no atual governo federal, que respeita a democracia e o Estado de Direito, a liberdade da imprensa. Parece desejar ardentemente a censura comunista ou o controle da mídia, como apregoava o ex-presidente Lula e o programa do PT entregue à Justiça Eleitoral, na eleição de 2018.

Ainda tivemos na semana da militância, em 1º de abril, “Dia da Mentira”, o manifesto comunista. Desculpem, o “manifesto de intelectuais”, sem a assinatura do ex-presidiário Lula, identificado como de “Pesquisadores, ex-ministros e ex-presidente do Inep”, reclamando de “apagão educacional”. Esquecem-se de que o “apagão educacional 2020/2021 ”fica por conta dos desgovernos estaduais e municipais que estão apaixonados pelo lockdown/confinamento para o povo, seus patrões, enquanto eles, empregados do povo, participam de festas de inauguração, com grandes aglomerações ou ficam em seus palacetes, comendo do bom e do melhor.

Renata Cafardo, em O Estado de S.Paulo de 4 último, voltou à sua parte na orquestração, com o seguinte título para o seu artigo: “Bolsonaro menospreza Ministério da Educação, permitindo que seja tomado por sanguessugas”. Mas os sanguessugas não estão no MEC. Estão na imprensa militante.

Baseia o seu comentário em teorias da feminista e ativista social norte-americana Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo seu “modesto” pseudônimo de “bell hooks” e do conhecido teórico brasileiro, Paulo Freire. Identificadas as companhias de Renata Cafardo, não nos espanta seu estranhamento, por exemplo, de que o Ministério da Educação tenha muitos militares. Por acaso os civis pensam que os militares não têm formação acadêmica para atuarem na área da educação? São ignorantes do ensino militar.

Ainda afirma que, “como diriam os três autores citados no começo do texto, para se educar de verdade, para criar cidadãos conscientes, é preciso lidar com divergências, opiniões plurais, debater em grupos heterogêneos, refletir”. A “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” e “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino”, como já disse, está longe das metodologias de ensino-aprendizagem das escolas públicas e, menos ainda, das universidades públicas.

O desconhecimento da realidade da educação pública brasileira leva os detratores do governo do presidente Jair Bolsonaro a cometer injustiças e distribuir mentiras a rodo, cantilenas que os ventos levam, mas machucam, ferem a dignidade das pessoas acusadas injustamente.

A imprensa militante é o populismo às avessas. a elite da mídia, as grandes corporações de comunicação estão carentes das verbas públicas, distribuídas a mancheias nos governos de FHC, Lula, Dilma. Esse o “pecado” do presidente Bolsonaro.

Vou repetir. Não há “desmonte” nem “apagão” educacional. Há, somente, uma militância política, à esquerda, que faz oposição sistemática ao governo Bolsonaro, tendo ao lado alguns teóricos da educação, discípulos ou viúvas de Paulo Freire, turbinados pela “grande mídia”.

Mas por oportuno, tivemos uma reunião ministerial, [aberta com uma oração a Deus](#), pela voz emocionante do ministro da Educação, Milton Ribeiro. Como

sabemos, o diabo foge de Deus, mas dissemina discórdia entre os cristãos infiéis ou ateus juramentados, uma horda à esquerda da política.

“É mais fácil governar um povo culto, cioso de suas prerrogativas e direitos, que tem nítida a compreensão de seus deveres, que um povo ignaro, indócil, sem iniciativa e inimigo do progresso”.

“O papel da instrução é preparar e formar homens capazes e úteis à sociedade; o papel do governo é fornecer meios fáceis de se adquirir a instrução, disseminando escolas e patrocinando iniciativas boas confiadas à competência e ao amor de quem promove tão nobilitante tarefa”.

Prof. Carlos Alberto Gomes Cardim

Diretor da Escola Normal Caetano de Campos

Educador e Inspetor de Alunos, 1909

Irmão do fundador do

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Pedro Augusto Gomes Cardim.